

Teresa Côroa Oliveira Cordeiro

O Contágio Emocional na *Dark Tetrad*



Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

2022

Teresa Côroa Oliveira Cordeiro

O Contágio Emocional na *Dark Tetrad*

Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde

Trabalho efetuado sob a orientação da Professora
Doutora Ana Teresa Martins e do Professor Doutor Luís
Faísca



Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

2022

O Contágio Emocional na *Dark Tetrad*

Declaração de Autoria do Trabalho

Declaro ser o autor deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam na listagem de referências incluídas.

Assinatura

(Teresa Cordeiro)

Copyright 2022 Teresa Cordeiro. A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicitar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja alvo de dado crédito ao autor e editor.

Agradecimentos

Ao aqui chegar, ao fim de quase mais uma etapa conquistada, há palavras que não podiam ficar por dizer. Ao longo de todos estes anos de estudo, que me exigiram um grande esforço e dedicação, pude contar com o apoio de várias pessoas, às quais não poderia deixar de exprimir o meu agradecimento de alguma forma. Para a realização da minha dissertação foi, sem dúvida, essencial e precioso todo esse apoio. Desejo, por isso, agradecer:

À Professora Doutora Ana Teresa Martins, pelo seu apoio e orientação constante. A sua dedicação foi fundamental para a conclusão da dissertação, bem como as suas ideias, observações pertinentes e exigência. Agradeço a motivação que sempre me ofereceu e os conhecimentos que comigo partilhou, sempre com a sua admirável boa disposição.

De igual modo, ao Professor Doutor Luís Faísca, pela forma atenta e rigorosa com que me acompanhou, pelos seus admiráveis conhecimentos e atenção aos detalhes. Agradeço todo o tempo que disponibilizou para me orientar, esclarecer dúvidas e ajudar, principalmente, na análise estatística.

A todos os participantes que tornaram a realização deste estudo possível, tanto pela dedicação nas tarefas que foram propostas, como pela disponibilidade. Também não poderia deixar de agradecer à Joana Pereira pela incansável colaboração na recolha dos participantes.

A todas as amigas que me acompanharam, de perto ou de longe. Considero ter muita sorte por ter encontrado pessoas inestimáveis e ter desenvolvido amigas tão bonitas. Agradeço todas as palavras de apoio e todos os momentos fantásticos passados, e por terem acompanhado o meu crescimento, numa fase tão importante tanto de vida académica como pessoal. E não podia deixar de agradecer, especialmente à Sara, à Júlia e à Milene, por compreenderem as minhas ausências e por terem suportado os meus desabafos. Obrigada por todo o vosso apoio ao longo deste percurso.

Às minhas colegas de casa, Tatiana, Margarida e Vânia, com as quais construí laços muito especiais e com quem tive a sorte de partilhar bons momentos ao longo destes dois anos de mestrado. Obrigada por tudo aquilo que fizeram por mim.

À minha família, pelo incentivo e apoio durante todos estes anos de formação e, em especial, durante este último ano de mestrado. Aos meus pais pela preocupação e paciência que nunca se esgotaram, pelo suporte emocional e económico que me permitiu terminar, novamente, mais um ciclo da minha vida e por apoiarem a minhas decisões. Mas, acima de tudo, por valorizarem todo o meu esforço e trabalho. Com eles sempre tive a receita completa para alcançar os meus objetivos. Ao meu irmão, por ser o meu cúmplice preferido. Ao meu avô Guilherme, por se orgulhar tanto de mim e pelos valores que sempre me transmitiu. À minha avó Dorvalina, por ser uma mulher com uma força e determinação admirável. À minha madrinha Dora pelo carinho e dedicação que não fazem jus ao talento que mostra através dos seus trabalhos manuais que me oferecia sempre que ia a casa. Ao meu padrinho Ricardo, pelo seu espírito aventureiro ser uma fonte de inspiração na forma como esta vida deve ser vivida. À minha tia Caró, a senhora das letras da família, dotada um talento literário incrível, por sempre me ter ajudado quando precisei. A todos os meus tios, tias e primos que sempre tiveram um papel basilar naquilo que sou hoje como pessoa.

Ao meu namorado Hélder, pelo apoio e companheirismo durante todo este processo. Sempre me demonstrou paciência e compreensão. Apesar de longe, sempre me incentivou a dar o melhor de mim e acreditou em mim, mesmo quando eu não o conseguia fazer. Sempre foi o meu apoio nas horas mais difíceis. Nestes últimos tempos, os nossos momentos não foram tantos como aqueles que gostaríamos que tivessem sido, mas, mesmo assim, sempre respeitaste e apoiaste o facto de, nesta fase, precisar de mais tempo para me dedicar aos meus sonhos, e para essa compreensão não há palavras para descrever o quanto isso significa para mim. Por isso, escolho partilhar as minhas conquistas contigo, hoje e sempre.

Às minhas três estrelinhas, avô Alfredo, avó Evangelina e tia Carla, que, mesmo não estando hoje presentes, sempre desejaram que tudo corresse da melhor forma no meu percurso, tanto a nível profissional como pessoal. Sei que estão orgulhosos e felizes por mim.

Por fim, mas não menos importante, a todos os professores com quem tive a oportunidade de me cruzar e por todo o conhecimento transmitido.

A todos, o meu enorme agradecimento!

Resumo

A *Dark Tetrad* (DT) tem vindo a ser associada a défices na capacidade empática, sobretudo no que respeita à empatia afetiva. Como parecem ter uma empatia cognitiva preservada, sujeitos com traços DT parecem discernir acerca do estado emocional dos outros mantendo-se frios e distantes desses estados, ou seja, parecem revelar-se menos permeáveis ao contágio das emoções dos outros. Neste sentido, sujeitos com traços DT, sobretudo os maquiavélicos, conseguem ter uma tomada de perspetiva certa e a frieza emocional necessária em prol da manipulação que lhes é característica. Estas capacidades dos sujeitos da DT têm sido verificadas na literatura. Contudo, são escassos os estudos que exploram a capacidade que sujeitos com altos níveis de DT têm no contágio dos outros. Assim sendo, foi nosso principal objetivo analisar como é que estes indivíduos, com elevados traços de DT, em especial, indivíduos com altos traços maquiavélicos são capazes de utilizar as suas competências empáticas e frieza emocional para contagiar emocionalmente os outros. Para o efeito, foram recrutados 30 participantes, 6 “atores”, pelas suas características DT (2 maquiavélicos, 2 com altos níveis de DT e 2 com baixos níveis de DT) e 24 “juízes”, pelos seus baixos níveis de DT (SD4) e valores medianos de empatia (IRI e BES). Os atores narraram histórias de vida aos juízes, e a sua reatividade emocional foi medida com recurso ao *Self-Assessment Manikin*. Os principais resultados sugerem que, quando os estímulos são positivos (histórias alegres), os atores altos em DT e os atores maquiavélicos parecem menos competentes a contagiar emoções. Curiosamente, quando se tratava de histórias tristes os atores altos em DT e maquiavélicos foram, de forma significativa, mais competentes a representá-las e a contagiar os juízes. Estes resultados são discutidos à luz da literatura atual acerca do contágio emocional nas personalidades negras.

Palavras-chave: *Dark Tetrad*, maquiavelismo, empatia, contágio emocional

Abstract

Dark Tetrad (DT) has been associated with deficits in empathic abilities, especially when affective empathy is concerned. As they seem to have unspoilt cognitive empathy, subjects with DT traits seem to discern about the emotional state of others, keeping themselves cold-hearted and distant from these states. That is, they seem to be less permeable to the contagion of the emotions of others. In this sense, subjects with DT traits, especially Machiavellian ones, are able to have a clear perspective and the emotional coldness necessary for the manipulation that is particular of them. These capacities of TD subjects have been verified in the literature. However, there are very few studies that explore the ability that subjects with high levels of TD have in tampering others. In this sense, it was our main goal to analyse how these individuals with high TD traits, especially individuals with high Machiavellian traits, can use their empathic skills and emotional coldness to emotionally alter others. For this purpose, 30 participants were recruited, 6 "actors", for their DT characteristics (2 Machiavellian, 2 with high DT levels and 2 with low DT levels) and 24 "judges", for their low DT levels (SD4) and median values of empathy (IRI and BES). The actors narrated life stories to the judges, and their emotional responsiveness was measured using the Self-Assessment Manikin. The main results suggest that, when the stimuli are positive (happy stories), the actors with high DT and the Machiavellian actors seem less competent in portraying emotions. Interestingly, when it came to sad stories, the high DT actors and Machiavellian ones were significantly more competent at playing them and alter the judges' emotions. These results are explored considering the current literature on emotional contagion in dark personalities.

Keywords: Dark Tetrad, Machiavellianism, empathy, emotional contagion

Índice

1. Introdução.....	1
2. Método	7
2.1. Participantes	7
2.2. Medidas	10
2.3. Procedimentos de recolha e tratamento de dados.....	13
3. Resultados	14
4. Discussão.....	21
Referências Bibliográficas.....	27

Índice de Figuras

Figura 1.....	16
Figura 2.....	17
Figura 3.....	19
Figura 4.....	20
Figura 5.....	21

Índice de Tabelas

Tabela 1	8
Tabela 2	9
Tabela 3	15

Índice de Anexos

Anexo A.....	34
Anexo B.....	37
Anexo C.....	40
Anexo D.....	43
Anexo E.....	46
Anexo F.....	49
Anexo G.....	51
Anexo H.....	53
Anexo I.....	56
Anexo J.....	58
Anexo K.....	60
Anexo L.....	62

Abreviaturas

ADT – Atores com níveis altos em *Dark Tetrad*

BDT – Atores com níveis baixos em *Dark Tetrad*

BES – *Basic Empathy Scale*

DT – *Dark Tetrad*

IRI – Índice de Reatividade Interpessoal

MAQ – Atores com níveis elevados de maquiavelismo

SAM – *Self-Assessment Manikin*

SD4 – *Short Dark Tetrad*

1. Introdução

O termo *Dark Triad* foi definido por Paulhus e Williams (2002) como forma de designar três traços de personalidade aversivos, de referir: o narcisismo, o maquiavelismo e a psicopatia. Posteriormente, Chabrol e colaboradores (2009) propuseram que se incluísse um quarto traço, o sadismo, formando-se assim a *Dark Tetrad* (DT). Esta constelação de traços considerados negros ou negativos da personalidade, apesar de apresentarem um denominador comum, possuem algumas dissemelhanças entre si (Furnham et al., 2013). O narcisismo caracteriza-se pela superioridade, grandiosidade, liderança e por desejo de atenção. Por outro lado, a psicopatia está associada à insensatez e a um comportamento de impulsividade, com a ausência de qualquer tipo de culpa ou remorsos. O maquiavelismo encontra-se associado à desconfiança e ao comportamento desconsiderado e ao recurso à desonestidade para manipular os demais para ganho pessoal, perseguindo apenas os seus próprios interesses. Por último, o sadismo é caracterizado pelo apetite pela crueldade a fim de obter prazer, através do sofrimento psicológico ou físico dos outros com necessidade de humilhação e/ou dominação (Pajevic et al., 2018; Sokić, 2022).

Apesar destas diferenças entre si, estes traços partilham um estilo interpessoal manipulador e insensível. Neles existe uma falta de autenticidade e uma extrema capacidade para manipular os outros, com a finalidade de não revelarem as suas verdadeiras intenções, que são usualmente negativas ou prejudiciais (Heym et al., 2019; Womick et al., 2019). Segundo um estudo de Hughes e Samuels (2021), indivíduos com níveis elevados de DT parecem ter maior propensão para mentir, vivenciando experiências afetivas positivas sempre que o fazem. Apesar de todos os traços apresentarem uma correlação positiva com a vontade de enganar ou de fingir estados emocionais, o maquiavelismo foi o traço que apresentou uma maior propensão, na medida em que o ato de mentir/fingir pode auxiliar em contextos de manipulação. Porém, o narcisismo foi o traço que apresentou uma propensão mais modesta para mentir, caracterizado por um alto senso da sua própria capacidade para mentir.

Semelhantemente, num estudo de Forsyth e colaboradores (2021), onde os participantes foram avaliados segundo a sua propensão à mentira e eficácia percebida, participante com traços DT vinculados associavam-se positivamente a uma maior propensão para mentir, a uma maior autoeficácia comparativamente aos restantes

participantes, apresentando uma reduzida carga cognitiva ao mentir e um afeto positivo sempre que o faziam. O traço maquiavélico foi, novamente, o mais forte preditor da propensão para mentir. Também no estudo de Turi e colaboradores (2022) foi possível verificar em indivíduos altos em DT uma percepção da diminuição da carga cognitiva utilizada, com aumento de emoções positivas quando mentiam.

Assim, de entre estes traços negros da personalidade, os indivíduos com elevado maquiavelismo destacam-se pela sua forte tendência em comportar-se de forma emocionalmente manipulativa (Ali et al., 2009; Sokić, 2022). A sua correta tomada de perspectiva, que lhe oferece uma capacidade de prever as intenções das outras pessoas, e os seus baixos níveis de afeto facilitam o uso da manipulação, recorrendo às emoções para melhor influenciar os outros (Heym et al., 2019), mantendo como foco os seus próprios objetivos e uma visão que ignora a moralidade (Gojković et al., 2019; Sokić, 2022). Na verdade, ainda de acordo com Jones e Paulhus (2011), os indivíduos maquiavélicos não apresentam qualquer associação com a impulsividade. Estes indivíduos são caracterizados por um autocontrolo excepcional e por uma capacidade de planear e calcular a longo prazo.

Na psicopatia e no sadismo, quando comparados ao maquiavelismo, existe alta impulsividade comportamental, que pode interferir com um raciocínio mais calculista e com a premeditação (Jones & Paulhus, 2011; Sokić, 2022), havendo um desejo pela recompensa imediata, mesmo que isso comprometa os seus interesses a longo prazo. No narcisismo o que move o comportamento impulsivo é apenas o reforço do ego e não a obtenção de algum tipo de ganho instrumental ou material (Jones & Paulhus, 2014).

Parece que na base desta frieza afetiva e na capacidade de fingir para benefício próprio, encontradas em maior escala nalguns destes traços, está um défice no processamento de emoções (Heym et al., 2019). Estes erros no processamento de emoções parecem estar associados a uma dificuldade para as sentir, mas não para as perceber. Desta forma, segundo alguns autores, os indivíduos com uma forte prevalência de traços DT manifestam défices na capacidade empática, ou seja, na capacidade de se colocar no lugar do outro (Pajević et al., 2018). Porém, a empatia é um constructo complexo e multidimensional, que engloba duas dimensões principais, a empatia cognitiva e a empatia afetiva (Heym et al., 2019). A empatia cognitiva prende-se com a capacidade de um indivíduo ser capaz de inferir os estados emocionais de outra pessoa, colocar-se na sua perspectiva, tratando-se assim de uma dimensão mais consciente, refletida e explícita

da empatia (Baron-Cohen & Wheelwright, 2004). Por outro lado, a empatia afetiva está associada a uma resposta emocional ao estado emocional dos outros (Eisenberg & Fabes, 1990). Assim, estes traços distinguem-se também pela natureza das suas capacidades empáticas. Neste contexto, a empatia cognitiva, notadamente a tomada de perspectiva, é conservada por narcísicos e por maquiavélicos, apoiando a ideia de que nem todos os traços negros de personalidade se associam a uma ausência de capacidade empática (Heym et al., 2021; Urbonaviciute & Hepper, 2020). Talvez mais correto será olhar para estes traços DT como compartilhando entre si um déficit de empatia afetiva (Heym et al., 2019), pois, segundo Ali e Chamorro-Premuzic (2010), traços psicopatas e maquiavélicos estão negativamente associados à empatia geral, devendo-se este resultado sobretudo a défices na empatia afetiva.

Para além disso, sendo verdade que o maquiavelismo e o narcisismo partilham bons desempenhos em tarefas de avaliação da empatia cognitiva, aquilo que os diferencia, e que poderá ter um impacto diferente no seu comportamento manipulativo, é existir no narcisismo uma atitude egocêntrica, um desejo de admiração e menor interesse e predisposição para focar-se no outro e nas suas emoções, preferindo usar essas competências para atender às necessidades do ego (Sokić, 2022), ao contrário do que acontece no maquiavelismo. Sujeitos com este traço dominante têm em maior consideração as emoções dos outros para agir, o que poderá conduzir a uma maior eficácia da sua manipulação (Bereczkei, 2017). Para além disso, os indivíduos maquiavélicos são estratégicos (Akram & Stevenson, 2021), envolvem-se em cálculos compostos, recorrem a táticas interpessoais premeditadas, sem escrúpulos e manipulam sem qualquer restrição moral (Gojković et al., 2019). Segundo Tudose (2022), indivíduos com traços maquiavélicos podem até apresentar comportamentos amáveis, e parecem possuir boas competências sociais para controlar as suas emoções. Efetivamente, a manipulação, a insensibilidade e uma orientação para cálculos estratégicos são elementos-chave que caracterizam o maquiavelismo (Jones & Paulhus, 2014).

Na verdade, níveis elevados de empatia cognitiva e níveis reduzidos de empatia afetiva podem ser considerados vantajosos na busca por interações sociais exploratórias e implacáveis, permitindo que estes indivíduos manipulem e maltratem os demais sem experienciarem emoções negativas (Zeigler-Hill & Vonk, 2015; Pajevic et al., 2018). Nesta perspectiva, apesar de nem sempre estes atos de manipulação se relacionarem com o uso da empatia, uma baixa empatia afetiva e uma alta empatia cognitiva pode funcionar

como meio para reunir informações sobre os outros e não como forma de atender ao seu estado emocional e, ao serem capazes de observar e prever o tumulto emocional dos outros, esta capacidade facilita manipulações emocionais bem-sucedidas. Assim, esta capacidade de conhecer, em vez de sentir, as emoções do outro, oferece uma melhor capacidade avaliativa em escolher o melhor comportamento (manipulador) a adotar (Sokić, 2022). A literatura também evidencia que estes indivíduos, altos em traços DT, são propensos a utilizar as emoções para influenciar de forma estratégica os seus alvos. Estes podem ser capazes de expressar intencionalmente emoções específicas ou manipular e moldar as emoções dos demais para maximizar, estrategicamente, o seu ganho pessoal (Miao et al., 2019). As emoções podem ser exibidas sem que os indivíduos as sintam realmente e, mais uma vez, este facto está muito associado ao traço maquiavélico da personalidade (Massey-Abernathy, & Byrd-Craven, 2016).

No entanto, apesar das evidências referidas, existe alguma controvérsia na literatura relativamente a estas personalidades, uma vez que, segundo alguns autores, apresentam baixas competências emocionais, inclusive indivíduos maquiavélicos (Akram & Stevenson, 2021). Existem estudos que representam o maquiavelismo com uma baixa capacidade de identificar emoções e com respostas empáticas inadequadas (Massey-Abernathy, & Byrd-Craven, 2016). Neste contexto, e apesar do seu forte desejo de manipulação do outro, indivíduos maquiavélicos podem não ser capazes de fazê-lo eficientemente devido às suas competências sociais e emocionais limitadas para se envolverem neste comportamento manipulativo (Book et al., 2016).

Neste caso, existe interesse em perceber se e sob que circunstâncias a perspetiva de tomar e prever os estados emocionais de outros pode ser mal utilizada (Heym et al., 2019; Blötner et al., 2021), na medida em que estas competências podem ser utilizadas de forma pró-social, mas também para e apenas para auto-benefício (O'Connor & Athota, 2013). Neste sentido, alguns autores referem indivíduos com elevados traços DT e, de forma mais específica, os maquiavélicos, possuem uma menor empatia afetiva por serem menos permeáveis ao contágio emocional (Szabó & Bereczkei, 2017).

O contágio emocional aparenta ser uma resposta automática e implícita, presente logo a partir dos primeiros anos de vida, que surge como uma espécie de mimetismo relacional (Prochazkova & Kret, 2017). Sendo o resultado da capacidade de reconhecer emoções nos outros e de as vivenciar de uma forma implícita, esta capacidade é definida pela tendência em assumir estados sensoriais, motores, fisiológicos e afetivos de outros.

O processo de contágio emocional ocorre por meio de três estádios: mimetismo, *feedback* e convergência (Hatfield et al., 1994). O mimetismo corresponde a uma sincronização automática das expressões faciais, vocalizações, posturas e movimentos com os outros. Estas expressões emocionais mimetizadas geram, através de mecanismo de *feedback*, experiências emocionais subjetivas que coincidem com a experiência que está a ser vivida pelo outro. É através desta convergência que as pessoas conseguem captar o estado emocional do outro. Assim, o processo de contágio emocional é considerado uma transferência de emoções de um indivíduo para outro, independente da compreensão cognitiva, tomada de perspectiva ou intenção de ajuda, e é interpretado como um antecessor evolutivo da empatia (Han et al., 2020). Segundo Luckhurst e colaboradores (2017), a incapacidade de contágio emocional leva, por sua vez, a uma incapacidade empática.

Neste contexto, estudos têm mostrado que sujeitos com traços narcísicos e maquiavélicos marcados apresentam níveis elevados de empatia cognitiva, conseguindo colocar-se na perspectiva do outro, ainda que tenham dificuldade em sentir o que os outros estão a sentir (Turner et al., 2019), o que sugere que a tomada de perspectiva é independente do contágio emocional. Contudo, no que se refere aos sujeitos com traços sádicos e psicopáticos, parece existir défice de empatia cognitiva, apesar do défice mais acentuado se referir no que se refere à empatia afetiva (Pajevic et al., 2018).

As diferenças encontradas nos DT entre a empatia cognitiva (tomada de perspectiva) e afetiva sugerem que estes indivíduos se mostram capazes de raciocinar e considerar as perspectivas dos outros (capacidade empática cognitiva), no entanto acabam por não se importar, demonstrando um baixo interesse no que toca aos processos emocionais dos outros, não se envolvendo nos mesmos (disposição empática) (Blötner et al., 2021). Desta forma, estes sujeitos, que pontuam alto em traços de personalidade negros, acabam por apresentar mais uma falta de disposição empática do que uma falta de capacidade empática (Kajonius & Björkman, 2020; Urbonaviciute & Hepper, 2020). Assim, as baixas pontuações obtidas pelos sujeitos DT, no que toca à empatia, poderão ser decorrentes de uma falha na disposição empática, associada às baixas competências de empatia afetiva, mas não na capacidade empática, associadas a competências cognitivas.

Estas falhas na disposição empática foram, de alguma forma, salientes em estudos cujo principal objetivo era avaliar o estado afetivo dos sujeitos da DT face a emoções

sentidas ou apresentadas pelos outros. Segundo um estudo Wai e Tiliopoulos (2012), que incluía uma tarefa experimental de identificação de emoções através da face, observou-se que sujeitos com traços DT parecem experienciar um afeto positivo face a emoções consideradas aversivas e um afeto negativo face a expressões felizes dos outros. Semelhantemente, no estudo de Murphy e colaboradores (2020), foi verificado que o maquiavelismo se correlacionava de forma positiva com sentimentos de bem-estar quando os outros se sentiam mal, e de forma negativa quando os outros se sentiam bem. Curiosamente, Lee (2019), ao avaliar como indivíduos DT reagem a uma situação de luto (estímulo de negativo) de outros indivíduos, observaram que os sujeitos maquiavélicos revelavam irritabilidade e aborrecimento face aos enlutados. Já os narcísicos, apesar de sentirem pouca tolerância, eram menos propensos a ficar irritados durante a conversa com os enlutados.

Ademais, num estudo de Ali e Chamorro-Premuzic (2010), através de uma tarefa experimental de identificação de emoções através da voz, dos olhos e de expressões faciais, sujeitos com elevados traços de maquiavelismo revelavam uma enorme dificuldade em identificar estados neutros nos outros. Uma das interpretações dos autores foi que estes sujeitos poderão estar melhor sintonizados com emoções extremas, como alegria ou medo, na medida em servem o propósito de manipulação dos demais.

Em suma, os estudos indicam que sujeitos com DT, em especial os sujeitos com uma forte prevalência de traços maquiavélicos, parecem apresentar uma relativa capacidade para ser impermeável às emoções dos outros (não apresentam sensibilidade face às emoções dos outros) mas, em simultâneo, mantém uma empatia cognitiva intacta que favorece a sua natureza insensível e a eficácia da sua estratégia manipulativa.

Estes são os resultados dos estudos cujo objetivo tem sido avaliar o reconhecimento de emoções e a compreensão (empatia cognitiva) a disposição empática e a empatia afetiva de sujeitos da DT em relação aos outros, mas, do nosso conhecimento, ainda não se realizou nenhum estudo cujo objetivo fosse inverso. Partimos do princípio de que se existe esta capacidade de manipulação dos sujeitos DT e, em particular, dos maquiavélicos, então estes terão uma capacidade para contagiar emocionalmente os outros igual ou superior a indivíduos sem traços DT marcados.

1.1. O presente estudo

Face à literatura apresentada, o presente estudo tem como principal objetivo avaliar em sujeitos com traços de DT e, de forma específica, em sujeitos com traços de maquiavelismo, a capacidade de contagiar emocionalmente os outros.

Genericamente, esperamos encontrar um efeito da presença de traços DT e, mais especificamente, do maquiavelismo na capacidade de contagiar os outros. Acreditamos que estes traços podem dotar estes indivíduos de competências emocionalmente manipulativas, baseadas na empatia, que os permitiriam induzir determinados estados emocionais no outro. Esperamos também verificar uma melhor capacidade de desempenho nos indivíduos com elevado maquiavelismo, por acreditarmos que a sua boa tomada de perspectiva e abordagem calculista e estratégica lhes darão uma maior vantagem, quando comparado com as restantes personalidades que compõem a DT.

2. Método

2.1. Participantes

De uma amostra de 231 adultos portugueses, recrutados por conveniência a partir da população geral, foram selecionados seis atores, com base nas suas características DT (dois com altos níveis de DT – ADT; dois com altos níveis de maquiavelismo – MAQ; e dois com baixos níveis de DT – BDT), e 24 juízes, tendo em conta os seus baixos níveis de DT e níveis medianos de empatia. Os traços de personalidade foram avaliados através do *Short Dark Tetrad* (SD4) e a empatia através do *Basic Empathy Scale* (BES) e do Índice de Reatividade Interpessoal (IRI). Nas Tabelas 1 e 2 apresenta-se a descrição dos participantes no estudo (atores e juízes) em termos das suas características sociodemográficas e de personalidade.

Tabela 1*Caracterização dos participantes (atores)*

Actor	Sexo	Idade	Escolaridade	MAQ	NAR	PSI	SAD	DT total ^a
Alto em MAQ								
1	Feminino	22	Licenciatura	4.14 ^b	3.00	2.71	2.85	3.18
2	Feminino	18	12º ano	3.86 ^b	2.00	1.29	2.43	2.39
Alto em DT								
1	Masculino	28	Licenciatura	3.43	2.71	3.71	3.43	3.32 ^b
2	Masculino	25	Licenciatura	4.00	2.86	3.57	3.57	3.36 ^b
Baixo em DT								
1	Feminino	19	12º ano	2.43	1.29	1.00	1.14	1.19 ^b
2	Feminino	27	Licenciatura	1.71	1.29	1.00	1.29	1.21 ^b

Nota. MAQ – maquiavelismo; NAR – narcisismo; PSI – psicopatia; SAD – sadismo.

^a Média das pontuações obtidas nas quatro escalas do SD4.

^b Pontuações usadas para seleção.

Tabela 2*Caracterização dos participantes (juízes)*

	M	DP	Mín. – Máx.
Idade	21.71	3.38	18 – 26
SD4			
MAQ	2.69	0.37	2.14 – 3.29
NAR	2.23	0.60	1.00 – 3.71
PSI	1.49	0.37	1.00 – 2.57
SAD	1.68	0.45	1.00 – 2.71
DT total	2.03	0.22	1.68 – 2.64
BES			
Afetiva	4.17	0.45	3.25 – 4.75
Cognitiva	4.18	0.48	3.25 – 4.88
IRI			
Tomada de perspectiva	3.00	0.51	2.17 – 4.00
Preocupação empática	3.12	0.39	2.33 – 4.00
Desconforto pessoal	1.86	0.73	0.33 – 3.50
Fantasia	2.71	0.86	1.00 – 4.00
Total	2.73	0.40	2.00 – 3.55
Média de empatia ^a	3.69	0.29	2.89 – 4.35

Nota. SD4 – *Short Dark Tetrad*; MAQ – maquiavelismo; NAR – narcisismo; PSI – psicopatia; SAD – sadismo; BES – *Basic Empathy Scale*; IRI – Índice de Reatividade Interpessoal.

^aMédia dos valores obtidos no BES (Afetiva e Cognitiva) e no Total do IRI.

Os critérios gerais de inclusão no estudo foram ter idade superior a 18 anos e ausência de doença psiquiátrica ou neurológica, declarada através da ficha de informação sociodemográfica e clínica. Para a seleção específica dos atores MAQ e dos atores ADT, consideraram-se apenas os participantes da amostra original (n = 231) que se situaram acima do terceiro quartil da distribuição nas pontuações da subescala de Maquiavelismo (Q3 Maquiavelismo = 3.29; atores MAQ) e na pontuação total do SD4 (Q3 Total SD4 = 2.71; atores ADT). De forma semelhante, para a seleção específica dos BDT, consideraram-se apenas os participantes da amostra original que obtiveram uma pontuação total do SD4 inferior ao primeiro quartil da distribuição desta variável (Q1 Total SD4 = 1.93; atores

BDT). Relativamente à seleção dos juízes, consideraram-se apenas os participantes que apresentaram traços *Dark Tetrad* reduzidos (pontuação total do SD4 abaixo do primeiro quartil da distribuição) e níveis medianos de empatia (valores de uma medida compósita de empatia, baseada nas pontuações do BES e do IRI, situados na vizinhança da mediana da distribuição; Mediana = 3.49), por se acreditar que valores demasiadamente baixos ou elevados de empatia poderiam influenciar os julgamentos.

2.2. Medidas

2.2.1. Ficha de dados sociodemográficos

Com a ficha de dados sociodemográficos (Anexo B) foram recolhidas informações sociais, demográficas e clínicas de cada participante.

2.2.2. *Short Dark Tetrad* (SD4; Paulhus et al., 2020)

Foi aplicada uma versão da SD4 adaptada à população portuguesa (Ramos et al., *in preparation*) (Anexo C), com o intuito de avaliar os traços negros da personalidade. Este inventário é composto por 28 itens, organizados em quatro subescalas (constituída por sete itens cada) que avaliam: a psicopatia, o narcisismo, o maquiavelismo e o sadismo. Os participantes responderam a cada item através de uma escala de concordância de cinco níveis, em que 1 corresponde a “discordo totalmente” e 5 a “concordo totalmente”. No que se refere às características psicométricas da sua versão original (Paulhus et al., 2018), as subescalas que compreendem o SD4 apresentam níveis elevados de consistência interna (maquiavelismo $\alpha=.76$; narcisismo $\alpha=.80$; psicopatia $\alpha=.80$; sadismo $\alpha=.81$) (Paulhus et al., 2020). Neste seguimento, na versão portuguesa também foram obtidos, em todas as dimensões, valores adequados de consistência interna ($\alpha>.80$), à exceção da dimensão do maquiavelismo ($\alpha=.58$).

2.2.3. *Basic Empathy Scale* (BES; versão original: Jolliffe & Farrington, 2006)

Foi aplicado a BES, na sua versão portuguesa (Anastácio et al., 2016) (Anexo D), um instrumento de autorrelato para avaliar duas dimensões da empatia (cognitiva e

afetiva). A escala é composta por 16 itens, compreendendo cada dimensão da escala oito itens, que são respondidos de acordo com cinco níveis de concordância, que variam entre 1- “discordo totalmente” e 5- “concordo totalmente”. Nesta versão portuguesa, as duas dimensões da escala apresentam bons níveis de consistência interna (empatia cognitiva $\alpha=.85$; empatia afetiva $\alpha=.80$).

2.2.4. Índice de Reatividade Interpessoal (IRI; Davis, 1983)

O IRI foi utilizado, na sua versão portuguesa (Limpo et al., 2010) (Anexo E), com o intuito de avaliar as dimensões cognitiva e afetiva da empatia. A escala é composta por quatro subescalas (“tomada de perspectiva”, “preocupação empática”, “desconforto pessoal” e “fantasia”), em que a primeira avalia a dimensão cognitiva da empatia e as últimas três a dimensão afetiva. O IRI engloba 24 itens no total, integrando cada subescala seis itens. Os itens foram respondidos de acordo com uma escala de cinco níveis, que variam de 0 - “não me descreve bem” a 4 - “descreve-me muito bem”. A versão portuguesa do instrumento apresenta uma boa consistência interna em cada uma das subescalas (tomada de perspectiva $\alpha=.74$; preocupação empática $\alpha=.77$; desconforto pessoal $\alpha=.81$; fantasia $\alpha=.83$).

2.2.5. Self-Assessment Manikin (SAM; Lang, 1980; Bradley & Lang, 1994)

O SAM (Anexo F) é uma escala pictográfica para medir a reatividade emocional a estímulos, introduzida por Lang (1980), sendo utilizada a sua versão mais recente elaborada por Bradley e Lang (1994). O SAM abrange três dimensões, notadamente, a valência, que corresponde ao grau em que a experiência emocional é considerada positiva vs. negativa, a excitação, representando o grau de estimulação psicofisiológica provocada pela experiência emocional, e a dominância, que se refere à sensação de controlo sobre a experiência emocional sentida (Yang et al., 2018). Estas dimensões são representadas através de uma escala gráfica de nove níveis: valência, em que 1 corresponde a “infeliz” e 9 a “feliz”; excitação, em que 1 equivale a “relaxado / sonolento” e 9 a “excitação”; e dominância, em que 1 representa “ser controlado” e 9 “controlar”.

Este instrumento apresenta boas qualidade psicométricas, na medida em que as avaliações das dimensões de valência ($rs=.94$) e excitação ($rs=.94$), face a determinados

estímulos, se encontram fortemente correlacionadas com medições dos mesmos estímulos efetuadas através do SDS (*Semantic Differential Scale*), uma versão do SAM mais longa de Mehrabian e Russel (1974). A dimensão de dominância apresenta uma validade convergente mais baixa, mas ainda substancial ($r_s=.66$) (Lang et al., 1997).

2.2.6. Tarefa de contágio emocional (medida implícita)

Para avaliar a capacidade de indivíduos com traços DT contagiarem emocionalmente os outros, desenhou-se uma tarefa que envolvia a narração de histórias de vida. Primeiramente, selecionaram-se os estímulos a utilizar, tendo-se para isso selecionado e/ou elaborado 15 histórias (cinco histórias alegres, cinco histórias tristes e cinco histórias neutras), com aproximadamente 900 caracteres cada uma, que foram, posteriormente, submetidas a um pré-teste. Neste pré-teste, realizado por meio de um questionário *online*, as histórias eram apresentadas de forma aleatória e, após a leitura de cada uma, era solicitada a classificação da sua valência através de uma escala de sete níveis (1 = muito triste; 7 = muito alegre). O pré-teste das quinze histórias foi realizado por dez adultos (oito Mulheres; *Midade* = 23.00; *DPidade* = 0.82) e, com o suporte nas avaliações obtidas, selecionaram-se três histórias (uma história alegre, uma história triste, uma história neutra), consideradas as mais representativas do nível de valência emocional intencionado. Estas três histórias foram utilizadas como estímulos para a realização da tarefa experimental. Os resultados do pré-teste, que levou à sua seleção, encontram-se descritos no Anexo G.

Posto isto, os seis “atores” foram convidados a contar cada uma das três histórias selecionadas na primeira pessoa e a gravar essas narrativas em vídeo. Os vídeos foram gravados num cenário neutro (ator contra uma parede branca e lisa), num ambiente calmo e sem ruído; o ângulo de gravação incluía a zona do busto do ator, que usava uma blusa preta. Foram assim produzidos dezoito vídeos (cada um dos seis atores contava a história alegre, a triste e a neutra), que se organizaram em blocos de forma a balancear a sequência de apresentação do tipo de ator e a sequência de apresentação das histórias (“alegre / neutra / triste” ou “triste / neutra / alegre”; a história de conteúdo neutro situava-se sempre em posição intermédia, pois o seu principal objetivo era eliminar vestígios da reação emocional à história anterior). Neste sentido, foi delineado um plano experimental com o

objetivo de minimizar possíveis efeitos de ordem, com 12 sequências possíveis (ver Anexo I).

Estes vídeos foram apresentados a 24 juízes. Cada juiz visionou as três histórias, contadas por três diferentes atores, pelo que avaliou $3 \times 3 = 9$ vídeos. No final de cada vídeo, o juiz deveria proceder à avaliação da sua reatividade emocional à história visionada preenchendo o SAM. Desta forma, procurou-se avaliar a capacidade indutora de contágio emocional de cada ator com base na reatividade do juiz.

2.3. Procedimentos de recolha e tratamento de dados

Primeiramente, foi solicitada a aprovação do Conselho Científico da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve para a realização do presente estudo. Posto isto, num primeiro momento, foram contactados um conjunto alargado de indivíduos, a quem, após a aceitação voluntária de participação no estudo, foi apresentado um enquadramento sucinto do estudo e a informação de consentimento informado (Anexo A) e, onde se garantia a confidencialidade. Estes participantes preencheram um questionário de caracterização sociodemográfica e clínico, e, em seguida, os inventários SD4, BES e IRI, através da plataforma *EU Survey*. A sequência de preenchimento dos inventários foi a mesma para todos os participantes. A partir desta recolha de dados, procedeu-se à seleção dos participantes do estudo, nomeadamente os que iriam funcionar como atores e os que iriam funcionar como juízes.

Após identificar os participantes que poderiam desempenhar o papel de atores, de acordo com os critérios de seleção, foi realizado um segundo contacto com eles, com o intuito de averiguar a sua disponibilidade para colaborar no estudo fazendo uma gravação vídeo de narração de pequenas histórias. Uma vez confirmada a disponibilidade para colaborar, foram-lhes enviadas as instruções para a elaboração dos vídeos (Anexo J), bem como as histórias a serem narradas (Anexo H).

Num segundo momento, contactaram-se os participantes que respeitavam os critérios para o papel de juiz, sendo-lhes solicitada a colaboração na segunda fase do estudo. Para aqueles que aceitaram colaborar, foi enviado o agendamento das sessões *Zoom* e instruções para a realização da sua tarefa (Anexo K). A tarefa de avaliação do contágio emocional foi conduzida via *Zoom*, através da partilha de um ficheiro em formato *PowerPoint* com os vídeos e da medida de reatividade emocional a cada história.

A tarefa teve uma duração média de 30 minutos e, uma vez finalizada, o participante enviava as respostas através de um ficheiro preenchido.

No que se refere ao tratamento dos dados, recorremos ao programa informático *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), para a realização de ANOVA mista, com o intuito de testar o efeito dos traços DT dos atores no contágio emocional avaliado pelos juízes nas diferentes histórias.

3. Resultados

Para avaliar o efeito da personalidade do ator (ADT – níveis altos em DT; BDT – níveis baixos em DT e MAQ – níveis elevados de maquiavelismo) no contágio emocional (reatividade emocional – SAM) induzido por histórias de diferente valência (alegre vs. triste), procedemos a diversas ANOVA mistas com medidas repetidas, em que a personalidade do ator é um efeito entre-sujeitos e a valência da história um efeito intra-sujeitos, sendo as variáveis dependentes as respostas dadas pelos juízes nas dimensões da componente emocional (valência, excitação e dominância).

De uma forma geral, foi possível observar diferenças estatisticamente significativas entre as reações induzidas pelas diferentes personalidades dos atores (Tabela 3), dependendo essas diferenças da natureza do estímulo (história alegre vs. neutra vs. triste).

Tabela 3

Efeito da personalidade DT do ator na reatividade emocional induzida pela narração de histórias alegres, neutras e tristes

	MAQ	ADT	BDT	<i>F</i>	<i>p</i>	<i>Eta-2</i>	Comparações*
	M ± DP	M ± DP	M ± DP			<i>parcial</i>	
História alegre							
Valência	6.75 ± 1.75	6.33 ± 1.71	7.08 ± 1.69	2.6	.078	.105	ADT = MAQ; MAQ = BDT; ADT ≠ BDT
Excitação	4.42 ± 2.18	3.92 ± 1.93	4.96 ± 2.40	3.0	.059	.116	ADT = MAQ; MAQ = BDT; ADT ≠ BDT
Dominância	5.46 ± 1.84	5.29 ± 2.07	5.13 ± 1.87	0.4	.651	.019	ADT = MAQ; MAQ = BDT; ADT = BDT
História neutra							
Valência	5.63 ± 1.28	5.54 ± 1.21	5.83 ± 1.34	0.3	.559	.015	ADT = MAQ; MAQ = BDT; ADT = BDT
Excitação	3.17 ± 2.22	3.38 ± 1.93	3.96 ± 2.14	1.8	.161	.076	ADT = MAQ; MAQ = BDT; ADT = BDT
Dominância	5.71 ± 1.97	5.29 ± 2.03	5.25 ± 2.09	1.3	.259	.057	ADT = MAQ; MAQ = BDT; ADT = BDT
História triste							
Valência	2.46 ± 1.21	2.88 ± 1.32	3.21 ± 1.21	2.4	.096	.097	ADT = MAQ; MAQ ≠ BDT; ADT = BDT
Excitação	2.75 ± 1.94	2.79 ± 1.28	3.58 ± 2.22	4.0	.034	.150	ADT = MAQ; MAQ = BDT; ADT = BDT
Dominância	3.79 ± 2.54	4.38 ± 2.20	5.04 ± 2.24	4.8	.012	.175	ADT = MAQ; MAQ ≠ BDT; ADT = BDT

Nota: média ± desvio-padrão; ANOVA: estatística *F*, valor *p*, magnitude do efeito e comparações múltiplas corrigidas pelo procedimento de Bonferroni.

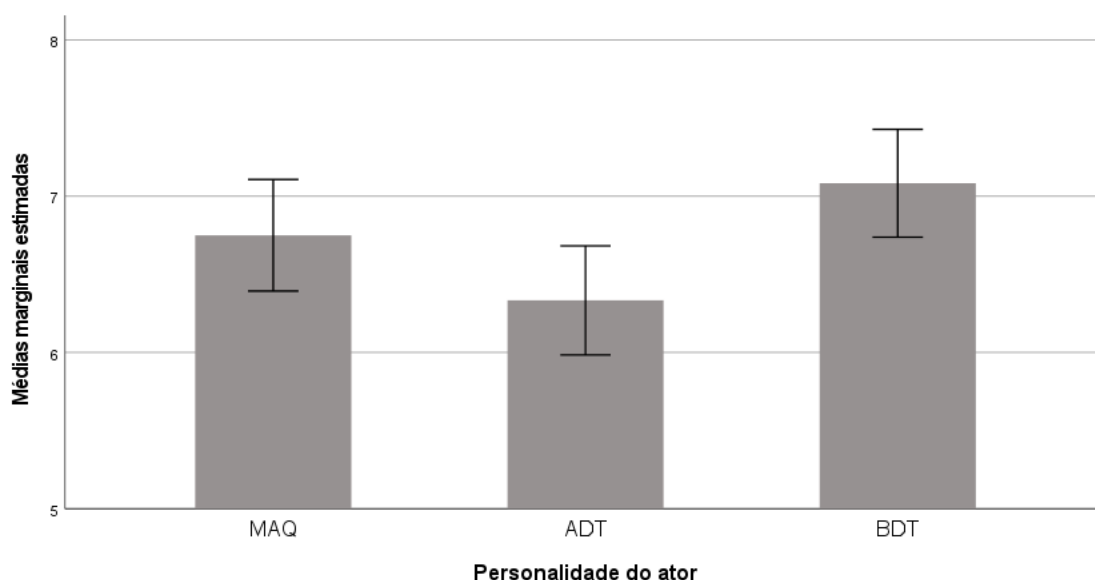
Os valores de *p* com significância estatística encontram-se a negrito.

* Utilizou-se como critério de diferença significativa $\alpha = 0.10$.

Quando os estímulos são positivos (história alegre), é observável o efeito marginalmente significativo da personalidade do ator na valência da reação emocional por ele induzida nos juízes ($F = 2.693$; $p = .078$), tendo esse efeito uma magnitude moderada ($\eta^2 p = .105$). Os atores com BDT foram avaliados em média como narrando a história de forma mais positiva do que os restantes atores. Contudo, a sua capacidade indutora de reações emocionais positivas não se distinguiu de forma segura da capacidade dos atores com traços MAQ, verificando-se uma diferença reduzida entre eles ($p > .10$). É passível de se observar que os atores BDT e os atores MAQ foram os que apresentaram uma maior capacidade de contagiarem positivamente os juízes (Figura 1); os atores ADT apresentaram um desempenho inferior na sua capacidade de contagiar positivamente os juízes, embora com valores que não se distinguem significativamente dos atores MAQ ($p > .10$). Ademais, há que evidenciar que todos os atores se mostram capazes de provocar uma reação de valência positiva nos juízes, na medida em que as suas pontuações mantiveram-se acima do ponto central da escala (5).

Figura 1

Avaliação média da valência da reação emocional induzida pela narração da história alegre pelos três tipos de atores

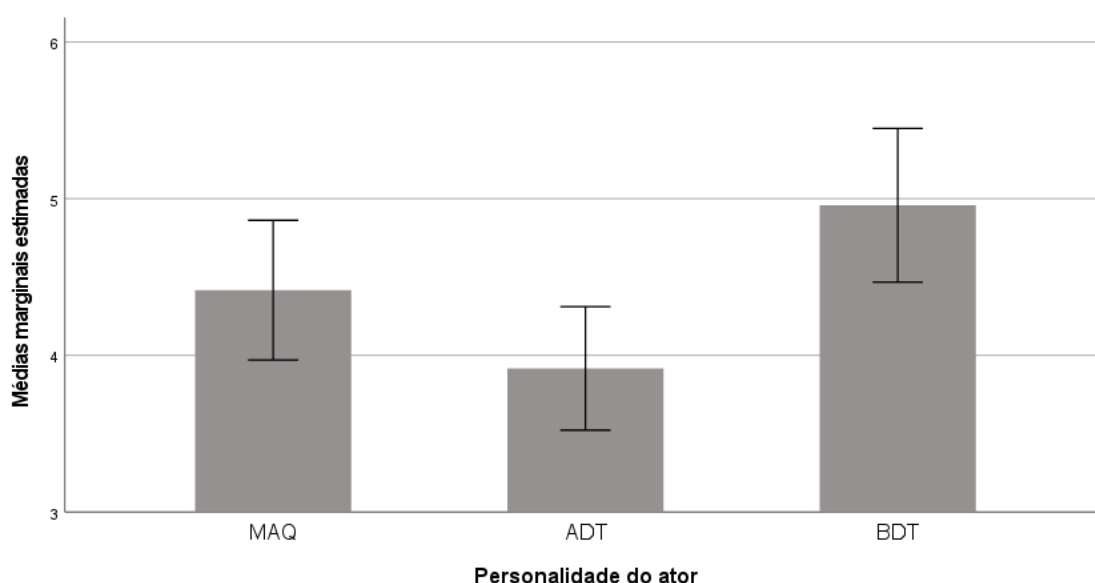


Nota. média \pm desvio-padrão O mesmo também se verifica para o efeito da personalidade do ator no grau de excitação sentida pelos juízes ao ouvir a história alegre ($F = 3.007$; $p = .059$; $\eta^2 p = .116$): os juízes consideraram os atores BDT como os que

induziram mais excitação, diferindo dos atores ADT que foram considerados significativamente menos “excitantes” (Figura 2). Os atores MAQ situam-se numa posição intermédia, não se distinguindo de forma estatisticamente significativa dos outros dois tipos de ator ($p > .10$). De qualquer forma, para todos eles o nível de excitação sentida ao ouvir a história alegre foi classificado acima do ponto central da escala.

Figura 2

Avaliação média da excitação induzida pela narração da história alegre pelos três tipos de atores



Nota. média \pm desvio-padrão

No que concerne à dominância, não se verificou um efeito significativo da personalidade do ator no grau de dominância sentida pelos juízes ao lhes ser narrada a história alegre ($F = 0.434$; $p = .651$; $\eta^2 p = .019$), não se destacando nenhuma personalidade como indutora de uma reação emocional a mais “dominante”. As pontuações de dominância encontram-se muito próximas do ponto central da escala, o que representa que todos os atores não foram capazes de induzir fortes sentimentos de dominância nos juízes, e isto independentemente dos seus traços de personalidade.

Numa perspetiva geral, são os atores BDT que melhor induzem reações positivas e são também eles que provocam maiores níveis de excitação ao narrar uma história

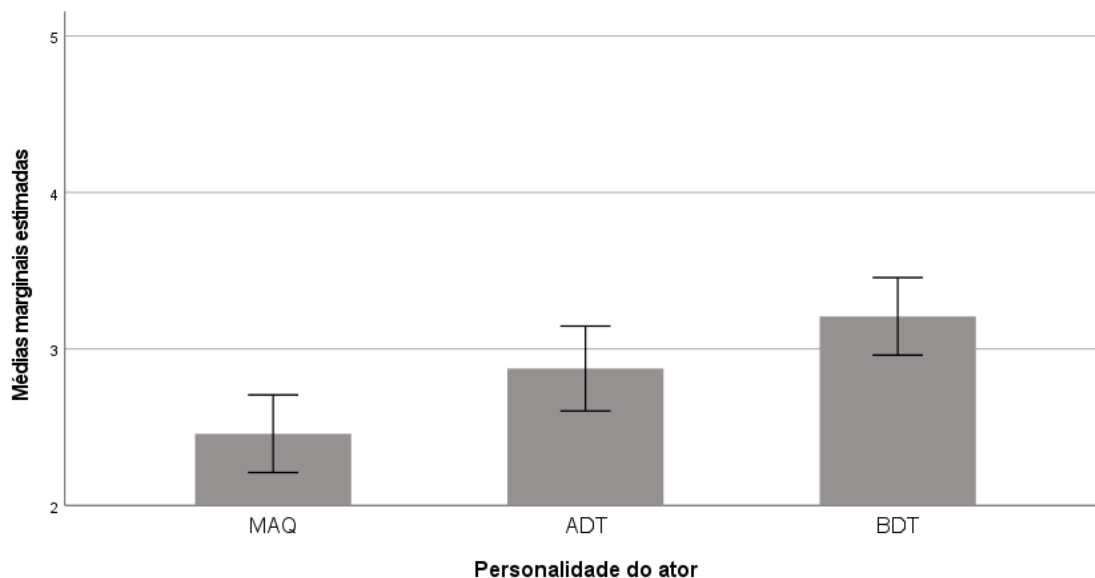
alegre; seguem-se os atores MAQ, que ocupam uma posição intermédia nestas duas dimensões, não se conseguindo distinguir de forma significativa ($p > .10$) dos outros atores, e, por último, os atores ADT. Finalmente, a diferenças de personalidade dos atores parece não afetar a dominância da reação emocional sentida perante a história alegre.

Ao analisar os estímulos neutros (história neutra), não se verificou qualquer efeito significativo da personalidade do ator nas três dimensões da resposta emocional (valência, excitação e dominância) ($p > .10$).

No que concerne aos estímulos negativos (história triste), é novamente verificado um efeito marginalmente significativo da personalidade do ator na valência emocional provocada nos juízes ($F = 2.466$; $p = .096$), tendo este efeito uma magnitude moderada ($\eta^2 p = .097$). Os atores MAQ foram avaliados com níveis mais baixos de valência o que significa que a forma como narraram a história foi sentida pelos juízes como sendo mais triste (quando mais próximo a valência estiver do valor 1, mas negativa é considerada a reação emocional sentida). No entanto, a capacidade indutora de reações negativas dos atores MAQ não se distinguiu de forma segura da capacidade dos atores ADT, sendo possível observar-se uma diferença reduzida entre eles ($p > .10$). Assim, os atores MAQ e ADT mostraram maior capacidade de contagiarem negativamente os juízes ao narrar a história triste (Figura 3); os atores com traços BDT revelaram um desempenho inferior em contagiar negativamente os juízes, apesar de exibirem valores que não se distinguem de forma significativa dos atores ADT ($p > .10$). Neste sentido, foram os atores MAQ e os atores ADT que narraram as histórias com uma valência mais triste e os atores BDT obtiveram um desempenho inferior ao contagiarem negativamente os juízes.

Figura 3

Avaliação média da valência da reação emocional induzida pela narração da história triste pelos três tipos de atores

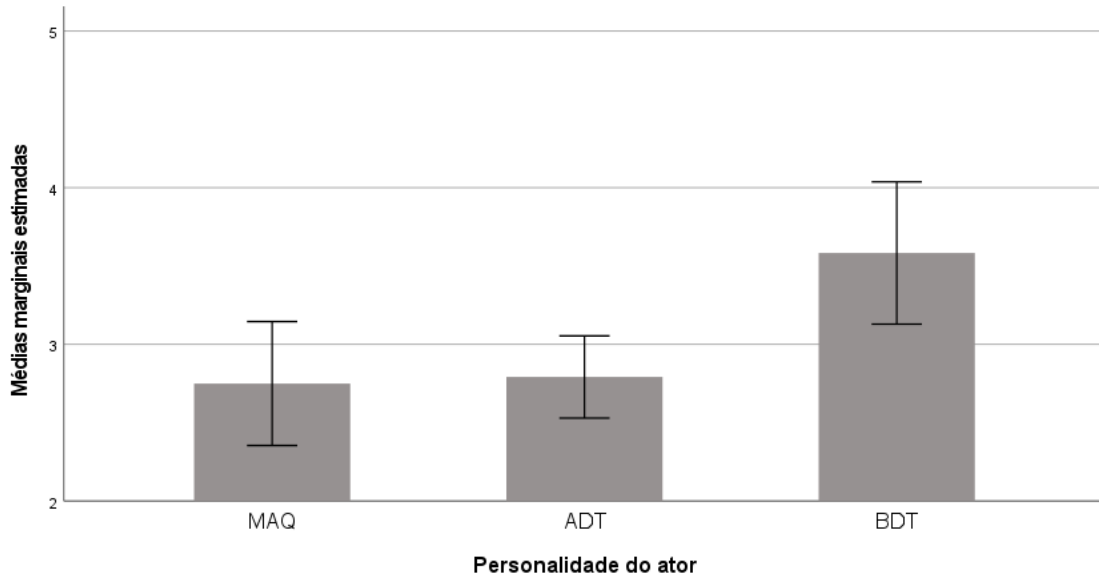


Nota. média ± desvio-padrão

Quando se compara o efeito da personalidade do ator no grau de excitação sentida pelos juízes aquando da história triste, os resultados revelam diferenças significativas ($F = 4.051$; $p = .034$), com um efeito de grande magnitude ($\eta^2 p = .150$). No entanto, as comparações múltiplas não permitem identificar diferenças estatisticamente significativas entre atores ($p > .10$), o que torna a interpretação deste efeito menos clara. À luz das médias obtidas, é possível observar-se que os atores BDT foram os que apresentaram uma maior capacidade de excitação nos juízes (Figura 4), comparativamente aos atores MAQ e ADT, que mostraram níveis muito próximos e reveladores de reações menos “excitantes”. De uma forma geral, esta história triste, independente da personalidade do ator que a narrou, induziu níveis reduzidos de excitação (abaixo de 5).

Figura 4

Avaliação média da excitação induzida pela narração da história triste pelos três tipos de atores

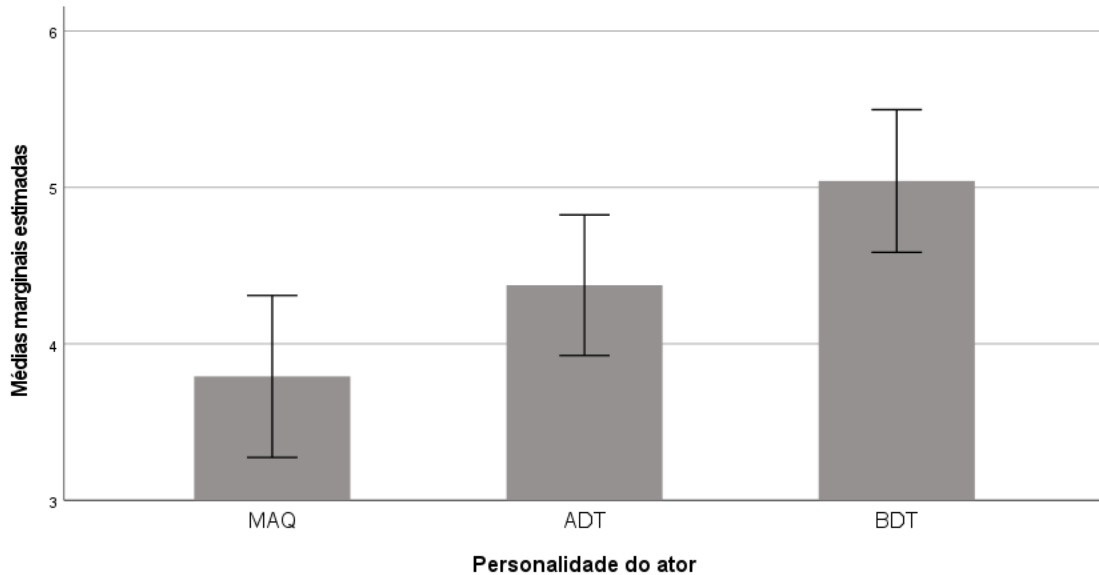


Nota. média \pm desvio-padrão

Relativamente à dominância, foi possível identificar um efeito significativo da personalidade do ator ($F = 4.877$; $p = .012$), com uma magnitude considerada grande ($\eta^2 p = .175$). Os atores BDT foram avaliados como os que mais conseguiram induzir reações emocionais que, de alguma forma, dominaram os juízes. Esta capacidade não se distinguiu de forma segura da capacidade revelada pelos atores ADT, pela reduzida diferença encontrada entre eles ($p > .10$), mas distingue-se da capacidade dos atores MAQ, que se revelaram os menos capazes de induzir reações emocionais dominantes (Figura 5). O desempenho dos atores MAQ não se distinguiu do dos atores ADT ($p > .10$).

Figura 5

Avaliação média da dominância da reação emocional induzida pela narração da história triste pelos três tipos de atores



Nota. média ± desvio-padrão

Ao olharmos para os valores obtidos pelos atores nos níveis de excitação e dominância induzidos ao narrar a história triste, verificamos que vão no sentido contrário aos resultados obtidos na valência: são os atores MAQ e os atores ADT que induzem melhor reações negativas, enquanto são os atores BDT a induzir nos juízes reações com mais excitação e dominância.

4. Discussão

O estudo da empatia e dos seus antecessores, como é o caso do contágio emocional, na DT têm vindo a ganhar destaque no seio da comunidade científica. Este interesse decorre das inconsistências de resultados encontrados nos estudos sobre o tema. Alguns autores parecem observar um défice na capacidade empática na DT, enquanto outros sugerem apenas um défice na empatia afetiva, o que permitiria a indivíduos com elevados traços DT compreender o estado emocional do outro e agir em conformidade,

de forma a manipulá-lo, implicando assim uma capacidade para contagiar sem ser contagiado (Pajevic et al., 2018; Heym et al., 2019; Urbonaviciute & Hepper, 2020; Heym et al., 2021). Esta impermeabilidade em se deixar contagiar emocionalmente pelos outros, mas mantendo uma boa tomada de perspectiva relativamente às suas emoções, pode representar uma vantagem para a manipulação emocional (Wai & Tiliopoulos, 2012; O'Connor & Athota, 2013; Zeigler-Hill & Vonk, 2015; Szabó & Bereczkei, 2017; Pajevic et al., 2018; Turner et al., 2019; Ngoc et al., 2020).

De entre estes traços, a literatura consultada destaca o maquiavelismo, que para além de possuir boas competências empáticas a nível cognitivo (Heym et al., 2021; Urbonaviciute & Hepper, 2020), faz uso das emoções dos outros como meio para atingir os seus fins (Bereczkei, 2017; Miao et al., 2019), e distingue-se dos restantes traços DT pela sua capacidade calculista e o uso de estratégias premeditadas (Jones & Paulhus, 2014; Gojković et al., 2019; Heym et al., 2019; Sokić, 2022).

Em suma, a literatura parece considerar que os sujeitos com traços DT revelam, de uma forma geral, défices afetivos mantendo intacta a capacidade de manipulação. A grande maioria dos estudos avaliam a forma como estes sujeitos se deixam (ou não) envolver pelas emoções do outro. A nossa grande questão foi perceber se o outro (não DT) se deixa envolver emocionalmente por sujeitos DT. Neste estudo procurou-se, então, perceber como estes indivíduos com elevados traços DT, frios e manipuladores, poderiam utilizar as emoções a seu favor e serem capazes de contagiar emocionalmente os demais, mesmo sendo impermeáveis ao tumulto emocional daqueles que os rodeiam, e de que forma indivíduos ricos em traços maquiavélicos se poderiam distinguir das restantes personalidades DT nesta capacidade.

Para o efeito, usamos uma tarefa de contágio emocional para observar o impacto da personalidade DT no contágio emocional, avaliando a reação de um grupo de juízes à narração de histórias tristes e alegres por indivíduos com traços DT elevados, e em especial o maquiavelismo.

Relativamente à valência dos estímulos, os nossos principais resultados sugerem que, no que se refere às histórias alegres, os atores com altos traços DT (ADT) e de maquiavelismo (MAQ) foram menos competentes a contagiar os juízes do que os atores com traços DT reduzidos (BDT). Por outras palavras, revelaram uma pior capacidade de contagiar os outros quando os estímulos eram positivos. Curiosamente, quando as

histórias eram tristes, o desempenho dos atores ADT e MAQ foi mais convincente quando comparado com os atores BDT. Assim, os resultados obtidos parecem sugerir que os atores ADT e MAQ são mais competentes a contagiar os outros sempre que o estímulo é negativo (história triste). Por outro lado, os atores BDT parecem contagiar melhor os outros quando o estímulo é positivo (alegre). Estes resultados poderão estar relacionados com os obtidos por Wai e Tiliopoulos (2012), por Lee (2019) e por Murphy e colaboradores (2020), no que se refere ao facto de indivíduos com traços DT parecerem experienciar afetos positivos quando expostos a emoções consideradas negativas. Neste contexto, para indivíduos com traços DT acentuados, o contágio negativo dos outros pode representar uma motivação acrescida, provavelmente pelo prazer, descrito na literatura, em infligir algum sofrimento no outro (Pajevic et al., 2018; Heym et al., 2019; Womick et al., 2019; Sokić, 2022), levando-os assim a um melhor desempenho.

Os nossos resultados não corroboram os obtidos por Massey-Abernathy e Byrd-Craven (2016), que sugeriam que um alto nível de maquiavelismo se associa a uma baixa capacidade na identificação de emoções. No nosso caso, os atores MAQ, tal como os atores ADT, parecem ser capazes de expressar emoções, sobretudo negativas, mas também as positivas (Miao et al., 2019), o que pode indicar que para fingir bem as emoções têm de se ser competentes a identificá-las, tal como se verifica no caso dos atores BDT. Para além disso, este desempenho também parece estar relacionado com os resultados de Hughes e Samuels (2021), de Forsyth e colaboradores (2021) e de Turi e colaboradores (2022): uma vez que, estes atores, têm o conhecimento de que estavam a representar determinados estados emocionais, e ao mostrarem-se bastante competentes nesta tarefa, isto poderá ser revelador do seu desejo de fingir estados emocionais. Posto isto, estes sujeitos parecem apresentar não só um desejo em representar determinadas emoções, como esse desejo parece aumentar quando sabem que, com esta representação, poderão provocar algum tipo de reação negativa (sofrimento). Assim, tal como defendido por Ali e Chamorro-Premuzic (2010), podemos sugerir que existe uma sincronização dos sujeitos com DT e os outros, no que se refere às emoções, podendo este contágio favorecer o seu propósito de manipulação.

Contudo, quando analisámos os resultados obtidos nas outras dimensões da resposta emocional (excitação e dominância), foi possível verificar, ao contrário do que se esperava, que independentemente da valência do estímulo (triste ou alegre), tanto os atores MAQ como os ADT não se revelaram, aos olhos dos juízes, atores especialmente

“excitantes” ou indutores de reações emocionais “dominadoras”. Parece que estes atores, ADT e MAQ, quando comparados aos atores BDT, apesar de serem claros a induzir sentimentos de tristeza (componente de valência), essa reação emocional induzida não foi suficientemente enérgica e dominante e, por isso, talvez tenha sido menos convincente. Estes dados parecem ir ao encontro dos resultados obtidos por Book e colaboradores (2016) e por Akram e Stevenson (2021), que sugeriram que estes indivíduos, apesar de se mostrarem capazes de representar determinadas emoções, as suas baixas competências emocionais e/ou sociais não permitem uma manipulação tão eficaz quanto desejariam. Estes indivíduos parecem ter mais um desejo do que propriamente competências sociais e emocionais para serem capazes de contagiar emocionalmente os que os rodeiam de modo eficaz. Assim, a capacidade de tomada de perspectiva e a vontade de enganar não parece ser suficiente para induzir um contágio emocional eficiente e, conseqüentemente, a uma manipulação eficaz. Apesar de aparentarem ser bons a identificar o que alguém está a sentir e a prever o que alguém irá sentir, talvez não sejam tão bons a provocar essas emoções nos outros. No entanto, isto pode levar-nos a acreditar que as suas competências talvez sirvam mais para confirmarem se a sua manipulação está a resultar, pela sua tomada de perspectiva, do que propriamente provocar determinadas emoções nos outros (contágio emocional).

Para além disso, assumindo que possa existir uma interação entre a dimensão mais emocional e a dimensão mais racional do processamento mental, na medida em que uma pessoa ativada emocionalmente vê reduzidas as suas competências cognitivas, também se pode perspetivar que uma forte ativação cognitiva poderá estar relacionada com uma inibição de situações emocionais. Desta forma, os défices no processamento emocional de indivíduos DT (Heym et al., 2019) poderão estar relacionados com o facto de poderem não representar emoções da forma mais correta e, como tal, da forma mais convincente, pois apesar de uma correta identificação e expressão das emoções, parece faltar a estes indivíduos uma expressão fisiológica adequada. Assim, sendo o contágio emocional não só uma capacidade de reconhecer as emoções, mas também de vivenciá-las (Hatfield et al., 1994), as respostas dos juizes podem significar que apenas identificaram a emoção presente na narração dos atores DT mas não as vivenciaram como se esperava, pois os atores não foram suficientemente convincentes ao representar a emoção veiculada pela história. De igual modo, o contágio não foi possível, na medida em que sem a vivência da emoção não pode haver contágio emocional.

Estes resultados podem, então, sugerir que para o contágio emocional ser bem-sucedido, estes indivíduos deveriam recorrer menos à sua parte cognitiva e deixarem-se entregar ao seu lado mais emocional, tal como verificado no estudo de Forsyth e colaboradores (2021) e Turi e colaboradores (2022), onde os participantes percecionava um menor recurso ao seu lado cognitivo quando estavam a mentir. Isto leva-nos a pensar que talvez estes indivíduos estariam a racionalizar demasiadamente a tarefa, tal como habitualmente racionalizam as emoções, enquanto um melhor contágio emocional talvez exigisse uma maior entrega emocional destes atores. De facto, na literatura existente, verifica-se um maior enfoque no estudo da intenção destes indivíduos e não propriamente na eficácia dos mesmos. Daí a importância de recorrer a medidas indiretas (avaliação por terceiros) para avaliar efetivamente o seu desempenho. Assim, mais pesquisas deverão ser feitas neste sentido, para se continuar a avaliar a competência destes indivíduos no que concerne ao contágio emocional através de abordagens multi-método.

Especulamos, também, que o facto destes sujeitos ADT e MAQ não encontrarem um benefício direto na tarefa que lhes foi solicitada, para o presente estudo, pode ter interferido na sua motivação para ser mais envolvente, mais ativo e dominador. Não nos podemos esquecer que esta era uma tarefa laboratorial, cuja validade ecológica é diminuta. Sabemos que no quotidiano estes sujeitos são bastante mais persuasivos.

Ao contrário das nossas expectativas iniciais, não se verificou uma diferença na capacidade de contágio entre atores MAQ e ADT. Os atores MAQ não se mostraram melhores a contagiar emocionalmente, acabando por não se distinguir dos atores com traços DT genéricos. De acordo com Miao e colaboradores (2019), indivíduos altos em maquiavelismo são capazes de utilizar as emoções e até expressar determinadas emoções a fim de manipular os outros para seu ganho pessoal. Desta forma, podemos sugerir, novamente, que estes indivíduos talvez não tenham investido o suficiente na tarefa, por não existirem auto-benefícios concretos, não identificando razões de interesse próprio na realização da tarefa.

Em suma, os resultados obtidos foram interessantes e levam-nos a continuar a acreditar que indivíduos DT parecem fazer recurso das suas competências de tomada de perspectiva para contagiarem emocionalmente quem os rodeia. Parecem assim revelar uma boa capacidade empática cognitiva e uma boa identificação de emoções cujo resultado se traduz na capacidade de contagiar os outros. Esta sua capacidade parece ser superior aos indivíduos não DT quando se trata de expressar emoções negativas (tristes). Este

resultado vai ao encontro do seu prazer em causar dano, uma característica típica de estruturas de carácter aversivas (Wai & Tiliopoulos, 2012; Lee, 2019). Contudo, no nosso caso particular, os sujeitos ADT e MAQ, embora sejam mais convincentes ao transmitir a valência negativa da história triste, não parecem fazê-lo de forma a gerar no ouvinte uma resposta emocional de envolvente (excitante e dominadora), ou seja, a sua história triste parece não ter um impacto suficiente sobre os juízes. Atribuímos este resultado, provavelmente, ao carácter pouco ecológico da tarefa e pelo facto de esta não trazer aos atores um benefício direto, podendo desmotivá-los no refinamento da sua capacidade em fingir. Talvez estas sejam as principais limitações do nosso estudo, a par da reduzida dimensão e homogeneidade (sexo e idade) da amostra. Como propostas de trabalho futuro, destacamos a recolha de uma amostra maior de juízes, mais diversificada e equilibrada, um maior número de atores (para diluir eventuais efeitos individuais), bem como a atribuição de um benefício (ganho pessoal) aos atores, por acreditarmos que assim se poderá gerar uma diferença mais robusta entre os sujeitos DT e os maquiavélicos e, sobretudo, entre atores DT e não DT.

Referências Bibliográficas

- Akram, U., & Stevenson, J. C. (2021). Self-disgust and the dark triad traits: The role of expressive suppression. *Personality and Individual Differences*, 168, Article 110296. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2020.110296>
- Ali, F., Amorim, I. S., & Chamorro-Premuzic, T. (2009). Empathy deficits and trait emotional intelligence in psychopathy and Machiavellianism. *Personality and individual differences*, 47(7), 758-762. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2009.06.016>
- Ali, F., & Chamorro-Premuzic, T. (2010). Investigating theory of mind deficits in nonclinical psychopathy and Machiavellianism. *Personality and Individual Differences*, 49(3), 169-174. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2010.03.027>
- Anastácio, S., Vagos, P., Nobre-Lima, L., Rijo, D., & Jolliffe, D. (2016). The Portuguese version of the Basic Empathy Scale (BES): Dimensionality and measurement invariance in a community adolescent sample. *European Journal of Developmental Psychology*, 13(5), 614–623. <https://doi.org/10.1080/17405629.2016.1167681>
- Baron-Cohen, S., & Wheelwright, S. (2004). The empathy quotient: an investigation of adults with Asperger syndrome or high functioning autism, and normal sex differences. *Journal of autism and developmental disorders*, 34(2), 163-175. <https://doi.org/10.1023/B:JADD.0000022607.19833.00>
- Bereczkei, T. (2017). *Machiavellianism: The psychology of manipulation*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315106922>
- Blötner, C., Steinmayr, R., & Bergold, S. (2021). Malicious mind readers? A meta-analysis on Machiavellianism and cognitive and affective empathy. *Personality and Individual Differences*, 181, Article 111023. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2021.111023>
- Book, A., Visser, B. A., Blais, J., Hosker-Field, A., Methot-Jones, T., Gauthier, N. Y., ... & D'Agata, M. T. (2016). Unpacking more “evil”: What is at the core of the dark tetrad? *Personality and Individual Differences*, 90, 269-272. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2015.11.009>
- Chabrol, H., Van Leeuwen, N., Rodgers, R., & Séjourné, N. (2009). Contributions of psychopathic, narcissistic, Machiavellian, and sadistic personality traits to juvenile

- delinquency. *Personality and individual differences*, 47(7), 734-739.
<https://doi.org/10.1016/j.paid.2009.06.020>
- Eisenberg, N., & Fabes, R. A. (1990). Empathy: Conceptualization, measurement, and relation to prosocial behavior. *Motivation and emotion*, 14(2), 131-149.
<https://doi.org/10.1007/BF00991640>
- Forsyth, L., Anglim, J., March, E., & Bilobrk, B. (2021). Dark Tetrad personality traits and the propensity to lie across multiple contexts. *Personality and individual differences*, 177, Article 110792. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2021.110792>
- Furnham, A., Richards, S. C., & Paulhus, D. L. (2013). The Dark Triad of personality: A 10 year review. *Social and personality psychology compass*, 7(3), 199-216.
<https://doi.org/10.1111/spc3.12018>
- Gojković, V., Dostanić, J., & Đurić, V. (2019). The Dark Triad, Amorality, and Impulsivity. *Psihologija*, 52(1), 53-73. <https://doi.org/10.2298/PSI170803028G>
- González, H. G., Caminero, G. F., & Díaz, L. E. (2018). The Dark Triad: A Different Relationship between Personality and Empathy. A Review from an Educational Perspective. *International Journal of Environmental and Science Education*, 13(4), 431-440.
- Han, Y., Sichterman, B., Carrillo, M., Gazzola, V., & Keysers, C. (2020). Similar levels of emotional contagion in male and female rats. *Scientific reports*, 10(1), 1-12.
<https://doi.org/10.1038/s41598-020-59680-2>
- Hatfield, E., Cacioppo, J. T., & Rapson, R. L. (1994). *Emotional contagion*. Cambridge University Press.
- Heym, N., Firth, J., Kibowski, F., Sumich, A., Egan, V., & Bloxsom, C. A. (2019). Empathy at the heart of darkness: Empathy deficits that bind the dark triad and those that mediate indirect relational aggression. *Frontiers in psychiatry*, 10, Article 95.
<https://doi.org/10.3389/fpsy.2019.00095>
- Heym, N., Kibowski, F., Bloxsom, C. A., Blanchard, A., Harper, A., Wallace, L., ... & Sumich, A. (2021). The Dark Empath: Characterising dark traits in the presence of empathy. *Personality and individual differences*, 169, Article 110172.

<https://doi.org/10.1016/j.paid.2020.110172>

Hughes, S., & Samuels, H. (2021). Dark desires: The Dark Tetrad and relationship control. *Personality and Individual Differences*, *171*, Article 110548. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2020.110548>

Jones, D. N., & Paulhus, D. L. (2011). The role of impulsivity in the Dark Triad of personality. *Personality and Individual Differences*, *51*(5), 679–682. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2011.04.011>

Jones, D. N., & Paulhus, D. L. (2014). Introducing the short dark triad (SD3) a brief measure of dark personality traits. *Assessment*, *21*(1), 28-41. <https://doi.org/10.1177/1073191113514105>

Kajonius, P. J., & Björkman, T. (2020). Individuals with dark traits have the ability but not the disposition to empathize. *Personality and Individual Differences*, *155*, Article 109716. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2019.109716>

Lang, P. J., Bradley, M. M., & Cuthbert, B. N. (1997). *International affective picture system (IAPS): Technical manual and affective ratings*. NIMH Center for the Study of Emotion and Attention, University of Florida.

Lee, S. A. (2019). The Dark Tetrad and callous reactions to mourner grief: Patterns of annoyance, boredom, entitlement, schadenfreude, and humor. *Personality and Individual Differences*, *137*, 97-100. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2018.08.019>

Limpo, T., Alves, R., & Catro, S. (2010). Medir a empatia: Adaptação portuguesa do Índice de Reactividade Interpessoal. *Laboratório de Psicologia*, *8*(2), 171-184. <https://doi.org/10.14417/lp.640>

Luckhurst, C., Hatfield, E., & Gelvin-Smith, C. (2017). Capacity for empathy and emotional contagion in those with psychopathic personalities. *Interpersona: An International Journal on Personal Relationships*, *11*(1), 70–91. <https://doi.org/10.5964/ijpr.v11i1.247>

Massey-Abernathy, A., & Byrd-Craven, J. (2016). Seeing but not feeling: Machiavellian traits in relation to physiological empathetic responding and life experiences. *Adaptive Human Behavior and Physiology*, *2*(3), 252-266.

<https://doi.org/10.1007/s40750-016-0041-0>

- Miao, C., Humphrey, R. H., Qian, S., & Pollack, J. M. (2019). The relationship between emotional intelligence and the dark triad personality traits: A meta-analytic review. *Journal of Research in Personality, 78*, 189-197. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2018.12.004>
- Morris, J. D. (1995). Observations: SAM: The Self-Assessment Manikin – An Efficient Cross-Cultural Measurement Of Emotional Response. *Journal of advertising research, 35*(6), 63-68.
- Murphy, B. A., Costello, T. H., Watts, A. L., Cheong, Y. F., Berg, J. M., & Lilienfeld, S. O. (2020). Strengths and weaknesses of two empathy measures: A comparison of the measurement precision, construct validity, and incremental validity of two multidimensional indices. *Assessment, 27*(2), 246-260. <https://doi.org/10.1177/1073191118777636>
- Ngoc, N. N., Tuan, N. P., & Takahashi, Y. (2020). A meta-analytic investigation of the relationship between emotional intelligence and emotional manipulation. *Sage Open, 10*(4), 1-5. <https://doi.org/10.1177/2158244020971615>
- O'Connor, P. J., & Athota, V. S. (2013). The intervening role of agreeableness in the relationship between trait emotional intelligence and Machiavellianism: Reassessing the potential dark side of EI. *Personality and Individual Differences, 55*(7), 750-754. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2013.06.006>
- Pajevic, M., Vukosavljevic-Gvozden, T., Stevanovic, N., & Neumann, C. S. (2018). The relationship between the Dark Tetrad and a two-dimensional view of empathy. *Personality and Individual Differences, 123*, 125-130. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2017.11.009>
- Paulhus, D. L., Buckels, E. E., Trapnell, P. D., & Jones, D. N. (2020). Screening for Dark Personalities. *European Journal of Psychological Assessment, 37*(3) 208–222. <https://doi.org/10.1027/1015-5759/a000602>
- Paulhus, D. L., Neumann, C. S., & Jones, D. N. (2018, June). *The Short Dark Tetrad (SD4)*. International Conference for Applied Psychology, Montreal, Canada.

- Paulhus, D. L., & Williams, K. M. (2002). The dark triad of personality: Narcissism, Machiavellianism, and Psychopathy. *Journal of research in personality*, 36(6), 556-563. [https://doi.org/10.1016/S0092-6566\(02\)00505-6](https://doi.org/10.1016/S0092-6566(02)00505-6)
- Prochazkova, E., & Kret, M. E. (2017). Connecting minds and sharing emotions through mimicry: A neurocognitive model of emotional contagion. *Neuroscience & Biobehavioral Reviews*, 80, 99-114. <https://doi.org/10.1016/j.neubiorev.2017.05.013>
- Runa, A. I. D. N. F., & Miranda, G. L. (2015). Validação Portuguesa das escalas de bem-estar e mal-estar emocional. *RISTI-Revista Ibérica de Sistemas e Tecnologias de Informação* 16, (12), 129-144. <https://doi.org/10.17013/risti.n.pi-pf>
- Sokić, K. (2022). Effect of the Dark Tetrad on Emotional Intelligence. *Primenjena psihologija*, 15(1), 29-50. <https://doi.org/10.19090/pp.v15i1.2366>
- Szabó, E., & Bereczkei, T. (2017). Different paths to different strategies? Unique associations among facets of the Dark Triad, empathy, and trait emotional intelligence. *Advances in cognitive psychology*, 13(4), 306-313. <https://doi.org/10.5709/acp-0230-7>
- Tudose, L. M. (2022). The Relationship Between Dark Triad And Emotional Intelligence. *Anthropological Research and Studies*, 1(12), 256-267. <https://doi.org/10.26758/12.1.19>
- Turi, A., Rebeleş, M. R., & Visu-Petra, L. (2022). The tangled webs they weave: A scoping review of deception detection and production in relation to Dark Triad traits. *Acta Psychologica*, 226, Article 103574. <https://doi.org/10.1016/j.actpsy.2022.103574>
- Turner, I. N., Foster, J. D., & Webster, G. D. (2019). The Dark Triad's inverse relations with cognitive and emotional empathy: High-powered tests with multiple measures. *Personality and Individual Differences*, 139, 1-6. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2018.10.030>
- Urbonaviciute, G., & Hepper, E. G. (2020). When is narcissism associated with low empathy? A meta-analytic review. *Journal of Research in Personality*, 89, Article 104036. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2020.104036>

- Wai, M., & Tiliopoulos, N. (2012). The affective and cognitive empathic nature of the dark triad of personality. *Personality and individual differences*, 52(7), 794-799. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2012.01.008>
- Womick, J., Foltz, R. M., & King, L. A. (2019). “Releasing the beast within”? Authenticity, well-being, and the Dark Tetrad. *Personality and Individual Differences*, 137, 115-125. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2018.08.022>
- Yang, W., Makita, K., Nakao, T., Kanayama, N., Machizawa, M. G., Sasaoka, T., ... & Miyatani, M. (2018). Affective auditory stimulus database: An expanded version of the International Affective Digitized Sounds (IADS-E). *Behavior Research Methods*, 50(4), 1415-1429. <https://doi.org/10.3758/s13428-018-1027-6>
- Zeigler-Hill, V., & Vonk, J. (2015). Dark personality features and emotion dysregulation. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 34(8), 692-704. <https://doi.org/10.1521/jscp.2015.34.8.692>

Anexos

Anexo A

Consentimento Informado

Consentimento Informado

A presente experiência científica encontra-se inserida na UC de Dissertação do Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, e tem como objetivo estudar o contágio emocional nas personalidades da *Dark Tetrad*.

Para a sua execução torna-se necessário o preenchimento de alguns questionários pelo participante (de idade compreendida entre os 18 e os 30 anos), de caracterização sociodemográfica, de personalidade e de empatia. Após este preenchimento, o participante pode vir a ser novamente contactado para a realização de uma tarefa de desempenho.

A participação neste estudo é voluntária. Possui o direito de interromper a sua participação a qualquer momento, sem fornecer qualquer explicação, bem como solicitar qualquer esclarecimento que necessite.

O anonimato e a confidencialidade das suas respostas e dos seus dados estarão garantidas. A informação será usada, apenas, para efeitos de investigação, sem a sua identificação pessoal. Na divulgação dos resultados, não haverá qualquer identificação dos participantes. Apesar de lhe ser solicitado dados pessoais (nome e contacto), estes serão objeto de anonimização e não serão divulgados em qualquer momento.

Em caso de dúvida, ou se não estiver completamente esclarecido(a), não hesite em contactar a partir do seguinte endereço eletrónico: a70273@ualg.pt.

A sua assinatura neste documento confirmará que tomou conhecimento.

Obrigada pela sua colaboração!

Eu, _____,
declaro que tomei conhecimento acerca da experiência científica a ser realizada e nela
aceito de livre vontade participar. Declaro ainda que, uma breve explicação sobre a
experiência foi-me facultada e encontro-me esclarecido (a) sobre a mesma.

Assinatura do participante

Data

Anexo B

Questionário Sociodemográfico

Questionário Sociodemográfico

As seguintes questões servem apenas para caracterização genérica da amostra.

Idade: _____

Homem

Mulher

Quantos anos de escolaridade possui? _____

Estado civil (assinale com uma cruz uma opção):

Solteiro(a)

Casado(a) ou em união de facto

Separado(a) ou divorciado(a)

Viúvo(a)

Região de Portugal de origem/residência oficial (assinale com uma cruz uma opção):

Algarve

Alentejo

Estremadura, Ribatejo (incluindo Zona da Grande Lisboa)

Beira Interior

Beira Litoral

Douro e Minho (incluindo zona do Grande Porto)

Trás-os-Montes e Alto Douro

Zonas autónomas (Madeira e Açores)

Outra: _____

Situação profissional (assinale com uma cruz uma opção):

Estudante a tempo inteiro

Trabalhador-estudante

Trabalhador por conta de outro

Trabalhador por conta própria

Desempregado/Procura primeiro emprego

Alguma vez consultou um neurologista?

Sim

Não

Se respondeu sim, refira o motivo:

Alguma vez consultou um psicólogo?

Sim

Não

Se respondeu sim, refira o motivo:

Alguma vez consultou um psiquiatra?

Sim

Não

Se respondeu sim, refira o motivo:

Tomou ou toma medicação psiquiátrica?

Sim

Não

Se respondeu sim, refira o motivo:

Alguma vez se viu envolvido em algum acidente grave?

Sim

Não

Nome: _____

Contacto: _____ *Email:* _____

Anexo C

Short Dark Tetrad (SD4)

Short Dark Tetrad Scale – SD4

Paulhus, Neumann & Jones, 2018

Adaptação Portuguesa de Ramos, Martins & Faísca, *in preparation*

Por favor, refira o seu grau de concordância com os seguintes itens, utilizando uma escala de 1 a 5 pontos:

	1	2	3	4	5
	Discordo Totalmente	Discordo	Neutro	Concordo	Concordo Totalmente
1. Não é inteligente deixar que as pessoas conheçam os teus segredos.					
2. Custe o que custar, deves manter as pessoas importantes ao teu lado.					
3. Evita o conflito direto com os outros porque eles podem ser úteis no futuro.					
4. Mantém um perfil discreto se queres as coisas à tua maneira.					
5. Manipular uma situação requer planeamento.					
6. Bajular é uma boa forma de manter as pessoas do teu lado.					
7. Adoro quando um plano manhoso tem sucesso.					
8. As pessoas vêem-me como um líder natural.					
9. Tenho um talento natural para persuadir pessoas.					
10. Atividades em grupo tendem a ser aborrecidas sem mim.					
11. Sei que sou especial porque as pessoas estão sempre a dizer-me isso.					
12. Tenho algumas qualidades excecionais.					
13. Provavelmente irei tornar-se numa futura estrela nalguma área.					
14. Gosto de me exhibir de vez em quando.					
15. As pessoas dizem-me frequentemente que estou fora de controlo.					
16. Tenho tendência a lutar contra as autoridades e as suas regras.					
17. Já me envolvi em mais brigas do que a maioria das					

pessoas da minha idade e sexo.					
18. Tenho tendência a precipitar-me, e só depois fazer perguntas.					
19. Já tive problemas com a lei.					
20. Por vezes, entro em situações perigosas.					
21. As pessoas que se metem comigo arrependem-se sempre.					
22. Assistir a uma luta (agressão física) excita-me.					
23. Gosto de filmes e de videojogos violentos.					
24. É engraçado quando os idiotas se espalham ao comprido.					
25. Gosto de assistir desportos violentos.					
26. Algumas pessoas merecem sofrer.					
27. Já disse coisas más nas redes sociais apenas por diversão.					
28. Sei como ferir alguém apenas com palavras.					

Anexo D

Basic Empathy Scale (BES)

Basic Empathy Scale

(Jolliffe, 2005; versão portuguesa: Nobre Lima, Rijo & Matias, 2011)

As afirmações seguintes revelam características que poderão ou não ser semelhantes às tuas. Para cada uma delas assinala com uma cruz (X) a opção que melhor indica o quanto concordas ou discordas com a afirmação. Não te esqueças de responder a TODAS as afirmações, com toda a honestidade.

	Discordo totalmente	Discordo pouco	Nem concordo nem discordo	Concordo pouco	Concordo totalmente
1. Não me deixo afetar muito pelo que os meus amigos estão a sentir	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Sempre que estou com um amigo que está triste com alguma coisa, a seguir costumo sentir-me triste	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Sou capaz de compreender a alegria de um amigo meu quando se sai bem em alguma coisa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Tenho dificuldade em perceber quando os meus amigos estão assustados	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Não fico triste quando vejo alguém a chorar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Não me incomoda nada com os sentimentos das outras pessoas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Quando alguém está em baixo, habitualmente consigo compreender aquilo que está a sentir	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Habitualmente consigo perceber quando os meus amigos estão com medo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Costumo ficar triste quando vejo coisas tristes na televisão ou em filmes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

	Discordo totalmente	Discordo pouco	Nem concordo nem discordo	Concordo pouco	Concordo totalmente
10. Habitualmente consigo perceber como as pessoas se estão a sentir, mesmo antes de elas me dizerem	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Ver uma pessoa que está irritada não tem qualquer impacto nos meus sentimentos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Habitualmente consigo perceber quando as pessoas estão animadas e alegres	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Habitualmente percebo logo quando um amigo está zangado	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Facilmente me deixo contagiar pelos sentimentos dos meus amigos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. A tristeza dos meus amigos não mexe nada comigo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. Tenho alguma dificuldade em perceber quando os meus amigos estão contentes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Anexo E

Índice de Reatividade Interpessoal (IRI)

IRI – Índice de Reatividade Interpessoal

Mark Davis, 1983

Adaptação Portuguesa de Teresa Limpo, Rui A. Alves e São Luís Castro, 2010

As afirmações seguintes referem-se a pensamentos e sentimentos que poderás ter tido em diversas situações. Indica em que medida cada item se descreve, escolhendo o número apropriado na escala abaixo, desde 0 (não me descreve bem) a 4 (descreve-me muito bem), assinalando com um “X”. Lê com atenção cada item antes de responderes. É importante que as tuas respostas sejam sinceras e honestas.

Não me descreve bem						Descreve-me muito bem	
0	1	2	3	4			

	0	1	2	3	4
1. Tenho, muitas vezes, sentimentos de ternura e preocupação pelas pessoas com menos sorte do que eu.					
2. De vez em quando, tenho dificuldade de ver as coisas do ponto de vista dos outros.					
3. Às vezes, não sinto muita pena quando as outras pessoas estão a ter problemas.					
4. Facilmente me deixo envolver nos sentimentos das personagens de um romance.					
5. Em situações de emergência, sinto-me desconfortável e apreensivo (a).					
6. Habitualmente, mantenho a objetividade ao ver um filme ou um teatro e não me deixo envolver por completo.					
7. Quando há desacordo, tento atender a todos os pontos de vista antes de tomar uma decisão.					
8. Quando vejo que se estão a aproveitar de uma pessoa, sinto vontade de a proteger.					
9. Por vezes, tento compreender melhor os meus amigos, imaginando a sua perspectiva de ver as coisas.					
10. É raro ficar completamente envolvido(a) num bom livro ou filme.					
11. Quando vejo alguém ficar ferido, tenho tendência a permanecer calmo(a).					
12. As desgraças dos outros não me costumam perturbar muito.					
13. Depois de ver um filme ou um teatro, sinto-me como se tivesse sido uma das personagens.					
14. Estar numa situação emocional tensa, assusta-me.					
15. Geralmente, sou muito eficaz a lidar com emergências.					
16. Fico, muitas vezes, emocionado(a) com coisas que vejo acontecer,					

17. Acredito que uma questão tem sempre dois lados e tento olhar para ambos.					
18. Descrever-me-ia como uma pessoa de coração mole.					
19. Quando vejo um bom filme, consigo facilmente pôr-me no lugar do protagonista.					
20. Tenho tendência a perder o controlo em situações de emergência.					
21. Quando estou aborrecido(a) com alguém, geralmente tento pôr-me no seu lugar por um momento.					
22. Quando estou a ler uma história ou um romance interessante, imagino como me sentiria se aqueles acontecimentos se tivessem passado comigo.					
23. Quando vejo alguém numa emergência a precisa muito de ajuda, fico completamente perdido(a).					
24. Antes de criticar alguém, tento imaginar como me sentiria se estivesse no seu lugar.					

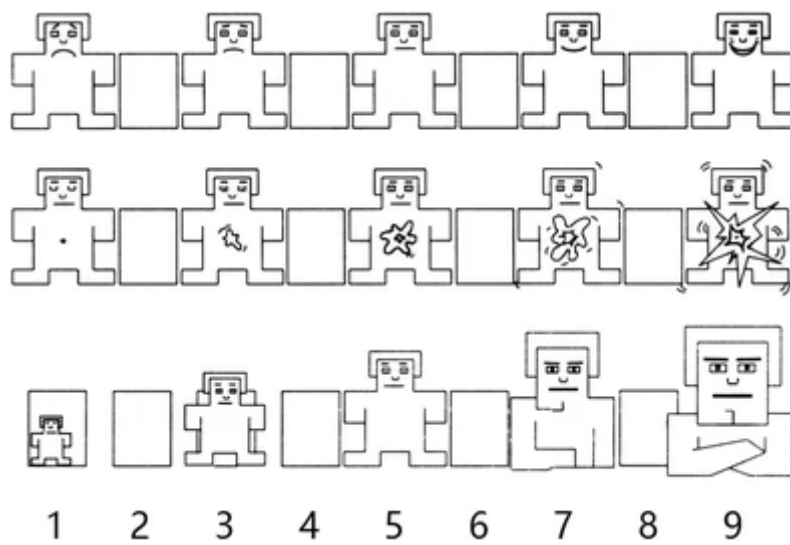
Anexo F

Self-Assessment Manikin (SAM)

Self-Assessment Manikin (SAM)

(Yang et al., 2018)

Recorrendo à escala gráfica de nove níveis para cada dimensão: valência (1= infeliz a 9= feliz); excitação (1= relaxado/sonolento a 9= excitação); dominância (1= ser controlado a 9= controlar), indique em que medida se sentiu ao ver/ouvir cada história apresentada.



Anexo G

Resultados da Seleção das Histórias

M	DP	Histórias
1.5	0.707	9. Até ao fim (triste)
1.6	0.843	5. Tinha tudo (triste)
2.4	1.505	2. A Dona Maria (triste)
3.2	1.813	12. Eu ainda importo (triste)
3.6	0.843	4. D. Eunice (neutra)
4.3	0.674	14. Aulas de dança (neutra)
4.5	0.971	1. Educar sobre as emoções (neutra) - treino
4.6	1.349	3. Não sou invisível (triste)
4.6	0.843	6. Ser mais saudável (neutra)
5.2	1.229	10. Dinamização escolar (neutra)
5.3	0.948	13. Rir a bom rir (feliz)
5.6	1.173	11. Irmãos e melhores amigos (feliz)
5.8	0.918	15. Até que a morte nos separe (feliz)
5.9	0.994	8. Uma família com 2 príncipes (feliz)
6.3	0.823	7. Os pequenotes (feliz)

Anexo H

Histórias Seleccionadas

História feliz: Os pequenotes

Senti uma enorme compaixão naquele dia quando me deparei com aqueles oito pares de olhinhos a brilhar. Mas ao mesmo tempo muita raiva porque houve alguém que foi capaz de os deixar ali. Indefesos, olhavam para mim felizes, mas também um tanto receosos. Então, decidi abrir o resto da caixa onde estavam e acarinhar cada um daqueles cachorrinhos. Senti tanto amor, que não fui capaz de os abandonar também, e trouxe-os comigo. Os dias passaram-se e eu continuava a alimentá-los e a acarinhá-los. Mas como não podia ficar com eles, comecei em busca de um lar feliz para cada um. Não foi fácil, mas acabei por conseguir, com a ajuda de instituições, familiares e amigos, um lar para cada um destes pequenotes. Foi muito gratificante ver a felicidade das pessoas que com eles ficaram. No final, senti-me verdadeiramente feliz por saber que estes pequenotes tinham ficado com pessoas capazes de lhes dar amor.

História neutra: Ser mais saudável

Há dois anos, decidi começar a explorar um estilo de vida mais saudável. Então, comecei por mudar primeiramente os alimentos que comprava para casa. Comecei por cortar nos pacotes de batatas fritas e nos chocolates que trazia para comer ao serão ou ao fim-de-semana, a comprar mais fruta e legumes frescos e a pesquisar novas receitas dos meus pratos favoritos para os conseguir cozinhar de uma forma mais saudável. Depois tentei pesquisar planos de treino simples para fazer em casa. Tentava sempre fazer exercício durante cinco dias por semana e descansar dois. E, como sempre gostei de experimentar coisas novas, também decidi inscrever-me em aulas de *yoga online*. Vi o anúncio numa rede social e pareceu-me uma boa forma de ocupar o meu tempo. Estas aulas eram apenas uma vez por semana, tinham a duração de uma hora e tinha a opção de fazer em grupo ou individualmente, mas preferi fazer em grupo.

História triste: Até ao fim...

Talvez tudo tenha começado no dia em que fomos fazer um churrasco e a minha tia partiu o pé. Durante bastante tempo, teve de passar os seus dias em casa a repousar. A dada altura, ela começou a sentir um nódulo no peito, mas nunca deu importância, pois

pensou que seria da sua posição de estar sempre no sofá, até que finalmente decidiu ir ao médico e detetaram-lhe um tumor no peito, metástases no fígado e no pulmão. Ela já não podia retirar o peito, caso contrário os outros agravavam-se. Assim, a solução passaria por fazer quimioterapia. Contudo, este tratamento não protegia o cérebro, e uma nova metástase lá surgiu. Teve de fazer radioterapia e passar novamente por todo este processo doloroso. Mas isto começou a ser muito agressivo para o seu organismo e iniciou a quimioterapia oral, até que a médica lhe disse que já não havia mais nada a fazer. Resta-me apenas dizer que a vida é muito injusta...

Anexo I

Design Experimental

Sequência Atores	Sequência Histórias
MAQ1 – ADT1 – BDT1	A-N-T
ADT1 – BDT1 – MAQ1	A-N-T
BDT1 – MAQ1 – ADT1	A-N-T
MAQ1 – ADT1 – BDT1	T-N-A
ADT1 – BDT1 – MAQ1	T-N-A
BDT1 – MAQ1 – ADT1	T-N-A
MAQ2 – ADT2 – BDT2	A-N-T
ADT2 – BDT2 – MAQ2	A-N-T
BDT2 – MAQ2 – ADT2	A-N-T
MAQ2 – ADT2 – BDT2	T-N-A
ADT2 – BDT2 – MAQ2	T-N-A
BDT2 – MAQ2 – ADT2	T-N-A

NOTA. MAQ – maquiavélicos; ADT – altos traços DT; BDT – baixos traços DT; A – alegre; N – neutra; T – triste.

Cada sequência foi atribuída de forma aleatória a dois juízes.

Anexo J

Instruções Atores

Instruções

No âmbito da UC de Dissertação do Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, a presente tarefa enquadra-se na segunda parte da mesma. Para um melhor desempenho da tarefa, encontram-se abaixo descritas as instruções para a sua realização.

Assim sendo, o seu contributo para a concretização deste estudo prende-se com a realização de três filmagens. Numa filmagem é convidado a narrar uma **história triste**, noutra uma **história feliz** e noutra uma **história neutra**. Cada história deverá ser narrada como se realmente fosse você que tivesse vivido aquele acontecimento.

Num momento prévio à gravação, de ambas as histórias, deverá **familiarizar-se com a história**, de forma que lhe seja possível encarnar a personagem. **Ao narrar a história**, deverá tê-la bem presente e narrá-la na **primeira pessoa** (“eu”), tentando ser o mais **convicente** possível, pelo **não deverá estar a ler** o documento com a história escrita.

Para além disso, deverá atender a outros pormenores ao gravar cada história, nomeadamente, ao cenário de gravação, tornando-se necessário a gravação ser realizada por si na presença de num **cenário de parede completamente branca** (lisa) e com **boa luminosidade**, ao seu ângulo de gravação, que deverá **incluir a zona do busto**, à sua indumentária, na medida em que deverá estar a usar uma **blusa preta**, e à realização da gravação num **ambiente calmo e sem ruídos de fundo**.

Qualquer dúvida, não hesite em contactar.

Anexo K

Instruções Juízes

Instruções

No âmbito da UC de Dissertação do Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, a presente tarefa enquadra-se na segunda parte da mesma. Para um melhor desempenho da tarefa, encontram-se abaixo descritas as instruções para a sua realização.

O seu contributo para a realização deste estudo prende-se com a avaliação de histórias. Assim, para realizar a tarefa, deverá:

- Procurar um **ambiente calmo**, sem distrações, para que se possa envolver completamente na realização da mesma;
- **Utilizar auscultadores** para ouvir as histórias com maior atenção.

Assim sendo, ser-lhe-á apresentado um total de **9 vídeos**, onde, em cada vídeo, um indivíduo irá contar-lhe uma história de vida. Irá ver **3 atores** diferentes, e cada ator contará **3 histórias**. Após cada bloco de ator, ou seja, **após 3 vídeos, deverá preencher o questionário SAM**, que lhe será disponibilizado posteriormente, para que lhe seja possível partilhar o grau de empatia que sentiu ao visionar os mesmos.

Qualquer dúvida, não hesite em contactar.

Anexo L

Certificado de Participação

CERTIFICADO

Nome do participante

participou no estudo "O Contágio Emocional na Dark Tetrad", conduzido pela aluna Teresa Cordeiro e orientado pela Professora Ana Teresa Martins e o Professor Luís Faisca, no Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde.

A aluna responsável
